

A insuficiência das mudanças abundantes

A propósito das mudanças na Educação podemos encontrar dois tipos de argumentos que têm sido veiculados com alguma insistência... por um lado argumenta-se que a escola é essencialmente a mesma desde o século passado, ou seja, que são necessárias mudanças profundas, e por outro lado não faltam referências a mudanças excessivas nos currículos, ou seja, sobre a necessidade de estabilidade para melhorar.

Sendo verdade que os argumentos a favor da necessidade de evolução referem-se sobretudo aos equipamentos e a questões organizativas (dos espaços e dos tempos) e que a defesa da estabilidade incide essencialmente nos documentos curriculares e procedimentos de avaliação, será importante compreender que estes elementos não devem ser entendidos de forma independente. Não se pode definir o currículo sem um enquadramento do tempo disponível (para o trabalho dos alunos e para o trabalho dos professores); não se pode prescrever práticas de ensino sem assegurar as condições organizativas e tecnológicas que essas práticas implicam e não se pode advogar a centralidade do currículo em todas as suas dimensões enquanto se continua a (sobre)valorizar a avaliação externa, desvalorizando o estreitamento do currículo que lhe é consensualmente imputada.

Mas já existem mudanças... os processos de avaliação externa já incluem as provas de aferição que visam a avaliação de um leque mais alargado de competências sem que a seriação dos alunos seja desejável, ou sequer possível. Ainda assim, este é um processo que precisa de melhoramentos e evoluções... é necessário (continuar) a melhorar o processo de recolha de dados e produção de informação e também de encontrar formas de valorizar e utilizar a informação produzida.

A necessidade de repensar e discutir a pertinência e o papel dos exames também começa a ganhar força e pode ser a base de uma mudança mais alargada. Um bom balanço entre a seriação (necessária) e a certificação (desejável) não está conseguido e ninguém parece ter uma solução milagrosa... temos de continuar a tentar que a próxima mudança nos coloque numa situação melhor.

Existem também sinais claros que apontam para a necessidade de construir um currículo diferente. Foi já definido o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória e a organização escolar já valoriza explicitamente a Autonomia e Flexibilidade

Curricular, mas a disciplina da matemática precisa de programas que sejam compatíveis com este novo paradigma.

Precisamos de mais tempo para explorar adequadamente a matemática, precisamos de explorar outros tipos de matemática e precisamos de explorar outras competências nas aulas de matemática.

Os programas em vigor prescrevem demasiados conteúdos sem acautelar condições para o aprofundamento e apropriação dos conhecimentos que se pretendem desenvolver. A matemática escolar é essencialmente a mesma do século passado ignorando as evoluções da própria disciplina e do contexto social em que se insere, como a necessidade crescente de competências relacionadas com a programação e o conhecimento de algoritmos digitais, a necessidade crescente de valorizar a literacia estatística ou os ganhos que podem advir de um conhecimento matemático assente e interdependente das novas ferramentas digitais.

As aulas de matemática continuam organizadas essencialmente para o desenvolvimento das competências tradicionais como a memorização, repetição ou tarefas centradas em procedimentos rotineiros, embora já seja claro que outras valências como a criatividade, a capacidade de comunicação, de liderança, de trabalhar em grupo, sejam as características com valorização acentuada e crescente no atual contexto social.

A definição de aprendizagens essenciais, num quadro de manutenção dos atuais programas de matemática para o ensino básico, de matemática A e de matemática B não permitem a evolução esperada. Pretende-se que contribuam para criar condições de gestão do currículo numa lógica de curto prazo, mas não são o melhor instrumento para dar resposta aos desafios que a sociedade coloca à escola. O que é verdadeiramente essencial é produzir um currículo com objetivos, conteúdos, competências, recursos, estratégias, avaliação ou outros elementos, com estas ou outras formulações, mas enquadrados na realidade atual... a do século XXI. O sucesso desta alteração depende ainda de valorizar o papel do professor, através da formação, mas também com mecanismos de valorização profissional e social que não estão acautelados. A parte fácil são os alunos... eles são genuinamente do século XXI.

PAULO CORREIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALCÁCER DO SAL